

## OPINIÃO

## DEANS' CORNER

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Filipe Santos, João Duque, João Pinto, José Crespo de Carvalho, José Esteves, Maria de Fátima Carioca e Pedro Oliveira.



**JOSÉ CRESPO DE CARVALHO**  
Dean do ISCTE Executive Education

## Visão ou dor? O financiamento e o acesso às universidades

**H**á dois tópicos correlacionados, na prática, que me parecem ser fundamentais. Primeiro, debater a fundo e, segundo, agir em conformidade, procurando reformas que sejam reformas e modelos que sejam alternativas radicalmente diferentes ao que agora temos. Venha quem vier a governar Portugal, o sistema de entrada nas universidades e as formas (ou fórmula[s] de financiamento), sem prejuízo de outros tópicos, são lapidares a qualquer futuro que se pretenda do ensino superior.

E das duas uma: ou tomamos estas questões como designios nacionais, reunimos um conjunto de pessoas que pensem sobre elas e que tenham ascendente dado por um futuro governo para propor novos modelos ou esqueçamos tudo isto e continuamos como até aqui com remendos atrás de remendos, derivadas atrás de derivadas, e sem quaisquer paradigmas que acompanhem tendências e façam futuro nestas matérias. É que estas questões, de tão lapidares, exigem visão e visão conjunta. O contrário será fazer de conta, continuar a empurrar com a barriga e achar que mais uma derivada e uma mudança da parcela na fórmula de financiamento ou o aligeiramento dos exames finais de secundário resolvem o que não podem resolver. E o que não podem resolver é o futuro, é o que nos espera, porque trabalhamos sobre soluções que tiveram o seu tempo mas são hoje passado.

Estes dois tópicos, aparentemente não correlacionados, estão intimamente conectados e merecem, qualquer que seja o governo, um conjunto de pessoas que os pensem, que criem cenários, que tenham visões complementares e até contrárias, e que consensualizem, com bom senso e com determinação, no sentido de preparar a transição. Estes temas merecem mesmo folhas em branco. "From scratch."

Não que esteja à espera que alguém faça o que seja sobre isto. Ainda assim, vale a pena chamar a atenção para o que não temos e poderíamos ter.

As formas de admissão à universidade (primeiro ciclo), na minha opinião, terão de mudar mais cedo ou mais tarde. De formas centralizadas e com notas por seriação nacional para formas descentralizadas e universidade a universidade. Onde cada universidade use os exames nacionais (ou finais) e suas notas com liberdade para criar a sua fórmula própria de admissão. Como, de resto, existe nos mestrados, havendo liberdade para que cada escola/universidade atraia os seus alunos. O financiamento virá sobre a capacidade de atração e números globais de estudantes depois de um processo competitivo. E, assim, dando liberdade aos candidatos para acederem não a seis hipóteses de curso, mas a todas as universidades e cursos que pretendam. Entrando em mais

que um, escolherão o que fazer. Se isto não acontecer no primeiro ciclo do ensino superior vamos perder toda a dinâmica internacional necessária a atrair o mercado europeu e "overseas" e que é fundamental para garantir futuro.

Esta lógica está contra o pensamento mais ortodoxo? Está. Está contra determinadas correntes ideológicas? Está. Mas é o mercado a funcionar, e se não dermos atenção ao mercado vamos morrer desidratados à falta dele. É precisa regulação? Claro que sim. Mas se não olharmos para o mercado com as suas dinâmicas outros países se encarregarão de olhar para ele e se substituirão a nós e aproveitarão o que não estamos a fazer nos nossos primeiros ciclos. Temos tempo? Algum para debater e decidir, sim. Mas quando temos tempo – característica muito portuguesa – ainda temos tempo e normalmente nada fazemos e não damos azo a que haja sequer debate para criação de uma visão. Continuamos na mesma e nada muda. Quando dermos por isso, quando outros hubs universitários de outros países se tornarem muito mais relevantes que nós, aí sim, acordamos. Será tarde demais. E o que temos então é apenas dor.

Muito se discute, por exemplo, a fórmula de financiamento. Mas porque não se discute a fórmula de financiamento a par com a forma de recrutamento? Uma e outra estão ligadas, quer se queira ou não. E debater e "derivar" a primeira sem pensar na segunda é apenas um exercício que, leve o tempo que levar, enriquecerá mais ainda as universidades portuguesas.

Programas de admissão direta, apenas como exemplo (e sem que seja necessariamente e como é óbvio a solução), cumpridos determinados requisitos, podem não ser do agrado de muitos. Porém, poderão ser solução para muitas universidades e muito importantes no mercado internacional, porquanto o número de alunos nacionais vai descer nos próximos anos. E as universidades terão de trabalhar as entradas em modo antecipado, com programas de preparação e atração às suas escolas que comecem mais cedo que a chegada à universidade e que permitam admissão uma vez completos esses programas. No fundo, é uma forma de atrair estudantes de várias proveniências, de vários poderes económicos (devendo obviamente haver ajudas ao mérito dos

Quando dermos por isso, quando outros hubs universitários de outros países se tornarem muito mais relevantes que nós, aí sim, acordamos.

mais desfavorecidos), de manejar a variável preço e de incluir em vez de excluir – ao contrário do que se possa pensar – pelo mérito.

No fundo, o trabalho a fazer é um trabalho de mercado. Nacional e internacional. Nada mais que isso. E, claro está, onde os exames finais de secundário terão de ponderar e deverão, obviamente, continuar a existir e deverão ser considerados na formulação de cada universidade para o seu processo de admissão. Formato dos exames por causa dos acessos internacionais? Pois os quantitativos é uma questão de língua. Os mais qualitativos podem bem ser substituídos por um escrutínio para um nível mais estratificado e final a avaliar por uso de inteligência artificial.

Obviamente que haverá os comentadores de serviço que dirão que tudo isto é impossível, haverá ainda os dogmáticos e todos os que vão criticar. É o que é. E o que é? Opinião. Mas o sistema, como está, está velho e anquilosado. Se não pensarmos em soluções diferentes – deste ou de outro tipo – elas também nunca irão existir. Se não crevermos sobre isto também nada acontece. Mesmo que se escreva também nada acontece. E não tenho a pretensão de achar que alguém, um dia, possa dar importância a estes temas como lapidares e como centrais para rasgar o que temos porque está na altura de redesenhar. Mas, lá está, embora não goste do "eu bem te avisei", quando a altura própria chegar, ainda gosto menos do "nunca em tal ouvi falar".

É que no futuro, venha como vier, não vão ser suficientes o clima, a boa comida e os últimos tempos de segurança como argumentos de atração de estudantes internacionais. Não sei como podemos sequer pensar em não considerar o internacional em tudo isto: entradas e financiamento. Vamos precisar, e muito, de estudantes internacionais e essa é uma certeza. Basta levantar a cabeça do papel e ver o que se passa à nossa volta e nos níveis de reposição e nas pirâmides etárias. Mas estes tipos de argumentos não vão chegar. Não vão, não. Seria bom que não chegássemos à dor e que houvesse um governo que construisse uma visão diferente, descentralizada e baseada na atratividade, ou na capacidade de atração de candidatos como base para o financiamento. Porque isso significaria que poderíamos ousar competir com outros internacionais. Não o fazer será fecharmos em casa e trancarmos as portas. ■